

ANEXO I – Tabela Sujeitos da Pesquisa

Sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Est. Civil	Profissão
Rosa	38	Casada	Professora
Roberto	60	Casado	Advogado
Rogério	40	Casado	Téc. Segurança
Marcos	35	Casado	Motorista
Geralda	40	Casada	Assistente Social
Francisco	50	Casado	Comerciante
Joana	36	Casada	Comerciante
Maria	70	Viúva	Aposentada
Julio	12	Solteiro	Estudante
Carlos	50	Casado	Marcineiro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o Método**. São Paulo: Hemus, 1978.

JESUS, Luciano Marques. **A questão de Deus na Filosofia de Descartes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

JOLIVET, Régis. **Curso de Filosofia**. 10. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

LACROIX, Jean. **Marxismo, existencialismo, personalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

REZENDE, Antonio. **Curso de Filosofia**. 5. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, SEAF, 1992.

Revisado por

A dúvida é vista como uma orientação, um método que utilizamos para se chegar à verdade, e notei que mesmo com todo saber empírico que possuíam sobre a dúvida, as pessoas entrevistadas na pesquisa de campo falaram a mesma coisa, que a dúvida diz respeito a algo de que não temos certeza, e que ela é uma indispensável seta indicativa do melhor caminho para se chegar à verdade, aprofundando assim o nosso conhecimento. Ela é, pois, a mola que move todo o conhecimento e tudo o que aprendemos gira em torno dela, às vezes até sem percebermos.

A dúvida metódica consiste na exigência de uma certa clareza e objetividade. Duvida-se justamente porque somente passando pelo crivo da dúvida pode-se chegar à certeza máxima. Uma certeza independente de tudo, uma verdade além de si mesma, da qual se deduzam as restantes por meio de uma série de intuições. Essa verdade há de ser comum a todo espírito pensante. Portanto, o exercício da dúvida é necessário sempre diante de todas as situações e problemas.

CONCLUSÃO

A leitura dos textos referência deste trabalho de conclusão de curso possibilitou adentrar o tema da dúvida tão bem-vinda e tão necessária na construção do saber e no caminho para a verdade e acredito que nunca será possível esgotar a questão e o significado da dúvida e sua importância como método, como preparação para se chegar a uma verdade comprovada, especialmente neste nosso tempo em que a arte de enganar as pessoas com meias verdades está tão em voga, principalmente entre aqueles (chamados) políticos encarregados das leis que promovam a justiça baseada na verdade.

O método e a dúvida têm como fim disciplinar o espírito, excluir de suas investigações o capricho e o acaso, adaptar o esforço a empregar segundo as exigências do objeto, determinar os meios de investigação e a ordem da pesquisa. Eles são, pois, fatores de segurança do raciocínio e economia de tempo.

Para Descartes o homem deve evitar as precipitações e se prevenir, aceitando somente o que se apresenta clara e distintamente ao seu espírito. Diante das dificuldades de entendimento, o melhor a fazer é dividir cada dificuldade em quantas partes for possível e em quantas partes exigir a sua melhor solução, deve-se também conduzir o pensamento ordenadamente, começando pelos objetos mais simples e fáceis de conhecer para, gradualmente, chegar aos mais compostos, fazendo tantas revisões gerais para que se sinta seguro em não omitir nada.

Toda verdade segundo Descartes, é composta por evidências originárias simples, irreduzíveis ou por noções relacionadas a elas. O que o espírito deve fazer é distinguir o simples do composto e investigá-lo, ordenadamente, até chegar a um sistema de elementos no qual o composto possa ser reduzido, progressivamente, a algo mais simples. O verdadeiro segredo do método é que nenhum saber é possível sem ele, e este consiste em retornar ao mais absoluto.

Qualquer que seja o método que utilizemos, a dúvida vai estar sempre lá para nos orientar a caminhar em um caminho seguro para atingir a verdade.

Fazendo uma adaptação da frase eu penso, logo existo, para eu sou, eu existo, Descartes faz uma relação entre os pensamentos, o que garante a certeza de que, o que existe de fato é a capacidade de pensar, isto é, o fato de estar pensando garante ao homem sua existência:

Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo tempo em que eu penso; pois poderia, talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de existir. (...) nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa (*res cogitans*), isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão (DESCARTES apud JESUS, 1997, p. 47).

O *cogito* para Descartes não é simplesmente um ato intelectual, mas o fato de se possuir uma consciência. Para ele é através da consciência e de seu uso adequado que é possível chegar ou até encontrar uma realidade que lhe garanta a existência das realidades.

O homem é um ser substancialmente fantástico, maravilhoso e cheio de potenciais. Como Descartes diz: penso, logo existo, é preciso prudência e muita cautela para o homem não se deixar influenciar pela falsa ciência, pela mídia ou pelas incoerentes meditações. A dúvida é, portanto, a primeira virtude de um verdadeiro pesquisador, é a segurança para não se cair na ilusão das afirmações vazias.

Dentre tantas lições que podemos tirar desse pensamento, uma merece ser mencionada, a de que, enquanto estamos duvidando, estamos buscando uma certeza e isso é muito bom. É muito relevante que a princípio nós consideremos uma verdade, a menor que seja, evidente. E a nossa capacidade de existir já é prova de que pensar com distinção e clareza é possível a todos, embora alguns parecem não exercitar essa capacidade.

Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi também, portanto, de que eu não existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui artiloso que emprega toda sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição: Eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES apud JESUS, 1997, p. 44).

Portanto, a dúvida se detém, no fato primário de que, ao duvidar pensa-se que se duvida. Esse é o núcleo irreduzível no qual ao duvidar se detém no *cogito, ergo sum*. Penso, logo existo, ou seja, eu sou, pois, uma coisa pensante, e esse simples fato me torna grande e poderoso e me privilegia enquanto ser.

Pelo que já se viu até o momento, é possível perceber que a busca e a descoberta do método, o processo metódico da dúvida, a evidência do *cogito* tem relações muito próximas.

Segundo Lacroix o *cogito* está presente na dúvida:

(...) na dúvida mesma há uma afirmação inclusa, afirmação sem a qual a dúvida não poderia existir e que não se pode por em questão e da qual não é possível tentar libertar-se sem com este mesmo ato recolocá-la: a afirmação do pensamento. (...) quanto mais extremada se torna a dúvida, mais profunda se torna a afirmação deste pensamento (LACROIX, 1967, p. 102).

capacidade de pensar duvidando, afinal não se pode duvidar sem pensar e vice-versa.

Praticada essa dúvida metódica e radical, enquanto o espírito pensa na possibilidade de todo tipo de falsidade, ele percebe que há algo de que não é possível duvidar de maneira alguma, isto é, de que o próprio sujeito pensa. No *Discurso do Método*, Descartes afirma que o bom senso/razão é a coisa mais bem partilhada. A capacidade de distinção do verdadeiro do falso é igual em todos os homens, a diversidade de opiniões, no entanto, decorre da multiplicidade de caminhos e da consideração de coisas diferentes. Não é suficiente que os homens tenham um bom espírito, é necessário que eles saibam aplicá-los bem. Há sempre uma necessidade de uma regulamentação e de um controle da razão, para que ela proceda retamente na busca da verdade absoluta das coisas.

O bom senso é a coisa melhor dividida no mundo, pois cada um se julga tão bem dotado dele que ainda os mais difíceis de serem satisfeitos em outras coisas não costumam querê-lo mais do que têm. E, a esse propósito, não é verossímil que todos se enganem; isso prova, pelo contrário, que o poder de bem aquilatar e diferenciar o vero do falso, quer dizer, o chamado bom senso ou razão, é naturalmente igual em todos os homens e assim, que multiplicidade de nossas opiniões não deriva do fato de uns serem mais razoáveis do que outros, porém somente do fato de encaminharmos nosso pensamento por diversos caminhos e não levarmos em conta as mesmas coisas. Não é suficiente ter o espírito bom, o essencial é bem aplicá-lo. As maiores almas são capazes dos maiores vícios como das maiores virtudes e os que caminham muito vagarosamente podem adiantar muito mais, se prosseguirem sempre em seu caminho reto, do que os que correm e dele se afastam (DESCARTES, 1978, p. 13-14).

Em 1637, Descartes se utilizou em francês de uma frase que marcou não só a história da filosofia bem como a sua própria história enquanto pensador: “*je pense, conc je seus*” que se tornou mais conhecida em latim: “*cogito, ergo sum*”, isto é, “penso, logo existo”.

Adverte que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: Eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalarem, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava (DESCARTES apud JESUS, 1997, p. 43).

CAPITULO III

A dúvida metódica

Seja qual for a situação, a dúvida sempre se fará necessária. Ela é uma arma poderosa, fundamento do método, e a sua intenção é chegar à certeza, e por isso se denomina dúvida metódica. As dúvidas funcionam como caminhos para que ao final de uma reflexão o meditador sintam-se seguro quanto às dúvidas anteriores e perceba dessa forma que elas só vieram para acrescentar e enriquecer seus caminhos.

Não falamos aqui da dúvida dos céticos, que duvidam por duvidar e sim da dúvida que quer levar à verdade, por isso, dúvida metódica. Diferentemente dos céticos, a dúvida de Descartes é uma dúvida real, que intenciona atingir um conhecimento, que surge da razão e não dos sentidos.

Não imitava nesse procedimento os céticos, que apenas duvidam por duvidar e dão demonstrações de estarem sempre irresolutos; todo o meu propósito tendia pelo contrário, a adquirir a certeza, a afastar a areia movediça e a terra, para descobrir a rocha ou a argila (DESCARTES, 1978, p. 58).

Segundo Descartes, para que o homem possa chegar a um conhecimento que não seja falso, é preciso que ele tenha controle de si mesmo, e passar a não aceitar como verdade senão aquilo que vê distintamente como tal. Acreditar em tudo que lhe é apresentado sem ter pelo menos o direito ou a iniciativa de se indagar as segundas intenções de quem fala ou não conhece a real veracidade da questão, revela no homem um ser fraco e sem controle de sua mente e espírito, e dessa forma não se torna um cidadão digno de si mesmo.

Percebe-se então que o método de Descartes usa, para obter a certeza, a dúvida metódica, onde se questiona e se duvida de todos os seus conhecimentos, inclusive da própria existência. Ele chama atenção para dentro de nós mesmos e para que saibamos usar uma das nossas maiores faculdades e privilégio, que é a

transformadora de todo o processo evolutivo e existencial do ser humano, é através dela que nos tornamos melhores.

A dúvida surge pelo temor das pessoas por um juízo que não seja o certo. Ela pode transformar as pessoas, fazendo com que elas se tornem melhores, mais evoluídas. Se não houvesse dúvida não haveria certeza.

Os entrevistados nº 06, 07 e 08, pensam que a dúvida:

Surge quando não se tem certeza sobre algo. Ela tem muita importância, porque desperta a curiosidade, em consequência o interesse para aprofundar em determinada questão e assim chegar mais perto do perfeito, tendo a finalidade de esclarecer algum episódio.

Quando não temos certeza sobre algo, procuramos investigar o que se pode fazer para conseguir essa certeza e através dessa investigação aprofundar nosso conhecimento em determinada questão e também esclarecer algo que nos cause incerteza.

Para os entrevistados 09 e 10 dúvida *“é uma palavra usada para expressar um sentimento que uma pessoa não entendeu muito bem e sua utilidade é para aprendermos mais e esclarecer esses sentimentos que não entendemos”*.

Um sentimento quase sempre vem precedido de uma dúvida. Ela só faz aprimorar e esclarecer nossos pensamentos para sabermos a realidade de um sentimento.

A dúvida sempre surge quando deparo com situações em que não conheço ou não estou informado. A dúvida é uma ferramenta se bem usada, muito útil, ou seja, ao despertar o desconhecido surge mais um aprendizado, mais uma informação que até então era mistério.

Muitas vezes ao nos depararmos com a dúvida não sabemos o que fazer com ela, pois não percebemos, de imediato, o porquê dela aparecer em certas situações, porém quando entendemos o porquê dela estar ali, e procuramos desenvolvê-la, estamos, ao mesmo tempo, resolvendo um problema e aprimorando nosso conhecimento, a dúvida é sempre útil.

Segundo o entrevistado nº 04:

A dúvida é uma coisa que não temos certeza, algo que nós fazemos porque não sabemos se está certo ou errado, e através disso procurar resolver essa dúvida procurando pessoas adequadas.

No caso de desconfiança de uma pessoa, a dúvida tem utilidade para tirar a prova da verdade, até mesmo no trabalho algo que você nota de diferente que possa ser uma dúvida para você.

A dúvida surgiu para descobrirmos a verdade, pois se ela não existisse como se iria procurar a verdade?

Para muitos, a dúvida só surge quando não temos certeza de algo, quando não sabemos se algo está certo ou errado e a partir daí procurar a verdade. Quando desconfiamos de alguém ela também é de grande utilidade, pois nos ajuda a pensar melhor sobre as atitudes da pessoa e com isso conhecê-la melhor. A dúvida é um passo para se chegar à verdade.

Para a entrevistada nº 05:

É um estado da mente em que não há assentimento firme sobre um juízo, porque se teme ser falso. São paradigmas que nos deparamos durante a nossa existência.

A dúvida tem sim sua utilidade, pois se pudéssemos ter uma certeza, a única talvez, fosse de que a dúvida é a mola propulsora,

A dúvida é o ponto de partida para novos conhecimentos, pois é através das dúvidas que surgem os questionamentos e são os questionamentos que caminham em busca do conhecimento. A dúvida no campo educacional é de suma importância, pois ela é a mola mestra que move todo o processo de ensino-aprendizagem.

A dúvida como foi dito é o ponto de partida para novos conhecimentos, pois através dela geramos questões que nos levam a procura de uma resposta mais sensata e objetiva. Na educação, o aluno é levado a sempre procurar uma resposta e não tê-la pronta do professor, os professores estão sempre colocando o aluno em dúvida de algo para que ele próprio possa construir o seu conhecimento.

O entrevistado nº 02 diz que:

O homem ainda não conseguiu uma definição real, conclusiva, universal para a dúvida. O pensamento humano sempre andou em torno ou em face da dúvida. Mas, o que se pode dizer é que a dúvida é um estado de espírito que leva a pessoa a suspender a formulação de um juízo seja pela falta de alguma evidência ou porque percebe alguma razão aceitável em outra alternativa.

Para Santo Agostinho, o homem só deixará de ter dúvida quando encontrar seu devido lugar de repouso e ordenar seu amor diante de Deus. A dúvida tem utilidade. É em face da dúvida que o homem ao longo de sua história tem tentado aprimorar o pensamento e a conduta mais adequada diante da realidade que o cerca.

As pessoas não conseguiram uma definição para a dúvida, pois tudo o que fazemos em nossa vida gira em torno dela e não percebemos. Para muitos a única certeza que se tem é que um dia vamos morrer, pois quando surge a dúvida nós não damos valor a ela e, muitas vezes, a ignoramos. Com a dúvida, nós aprimoramos o nosso modo de viver diante da sociedade tendo assim uma vida sábia.

O entrevistado nº 03 diz que:

matemáticas, leis físicas, essência das coisas, valores morais...) e assim, as manteria.

Uma outra cautela na aceitação das idéias poderia ocorrer, diz ele, que os conhecimentos causuais, que eu considero como correspondentes a impressões de coisas que realmente existem fora de mim, fossem provocadas por um gênio maligno que desejasse enganar-me.

Suporei, pois, que há um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me (DESCARTES apud JESUS, 1997, p. 39-40).

Na metafísica de Descartes ele passa a duvidar de tudo, e não apenas das autoridades e aparências do mundo sensível, mas também um pouco das verdades matemáticas. O processo da dúvida é levado às suas últimas conseqüências, até a hipótese do gênio maligno, introduzido por ele para esgotar completamente a série de possíveis dubitações. A hipótese do gênio maligno traz consigo a doutrina da veracidade divina, da qual é o reverso, o que acaba abordando uma crítica da ciência que busca compreender a relação entre verdade e ser, isto é, o conhecimento começa a ser focado no ser.

Enfim, Descartes acredita que o conhecimento fundamentado nos sentidos não serve, e que os conhecimentos seguros são aqueles com base objetiva e não subjetiva, dando margem a várias interpretações. O homem pode se assegurar de uma coisa: de que todos são capazes de pensar de forma clara e eficiente.

2 Pesquisa de campo

Para uma visão mais ampla a respeito da dúvida foi desenvolvida uma pesquisa de campo, indagando pessoas de diferentes idades e engajamento social. Foram entrevistadas 10 pessoas, conforme tabela nº 01, nos anexos, cujos resultados transcrevo a seguir:

De acordo com a entrevistada nº 01:

dúvida é constituído pelo argumento do erro dos sentidos. Considerando perigoso confiar em algo que por si só não tem garantia de confiabilidade, pois os sentidos são enganosos, a dúvida tende a estar presente até mesmo nas coisas que nos parecem indubitáveis, como nos casos dos conhecimentos sensíveis. É aqui que pode surgir um novo grau da dúvida que se estende a todo conhecimento sensível que é o argumento dos sonhos, por exemplo, como o próprio Descartes considera:

“Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro do meu leito” (DESCARTES apud JESUS, 1997, p. 37).

E se há possibilidade de não conseguirmos diferenciar o sonho da realidade é sinal de que não devemos confiar em tais realidades. Embora haja um reconhecimento que algumas coisas são representadas durante o sono, que é natural de algo verdadeiro, podem, porém ser meras produções imaginárias e, por isso, inconvenientes de credibilidade, já que são irrealis.

Diz Descartes, nesse sentido, que mesmo as combinações ilusórias devem seguir a uma categoria universal de natureza simples, como extensão, quantidade, grandeza, número, espaço e tempo, constituindo assim o objeto da matemática, esta sim confiável e segura. Afirma Descartes:

Pois quer eu esteja acordado ou dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais que quatro lados; e não parece possível que verdades tão patentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza (DESCARTES apud JESUS, 1997, p. 38).

O segundo argumento muito considerado por ele é que as verdades matemáticas não estão igualmente sujeitas a análise de dúvida, isto é, elas escapam contrariamente aos objetos sensíveis.

Descartes descreve dois argumentos que estendem a dúvida às verdades matemáticas, começando pelo suposto Deus enganador, que corromperia a mente de cada um para que estes se enganassem constantemente. Ele acreditava que Deus criou por sua livre vontade as verdades eternas (evidências lógicas, verdades

CAPITULO II

1 A dúvida

A dúvida é vista para muitos como uma simples palavra que quando utilizada só serve para confundir os nossos pensamentos levando-nos a lugar nenhum.

Porém, ao contrário do que muitos pensam, a dúvida nos leva a algum lugar e ergue-se em dados e pressupostos de manifestações de um sistema de certezas. É uma atitude mental de que dispomos para solicitar provas e argumentos para se desvendar a verdade, sem ela nos limitamos a repetir as coisas já criadas por outros.

Ora, se bem que a utilidade de uma dúvida tão geral não se revele desde o início, ela é, todavia nisso muito grande, porque nos liberta de toda sorte de prejuízos e nos prepara um caminho muito fácil para acostumar nosso espírito a desligar-se dos sentidos, e, enfim, naquilo que torna impossível que posamos ter qualquer dúvida quanto ao que descobriremos, depois, ser verdadeiro (DESCARTES apud JESUS, 1997, p.36).

A dúvida cartesiana é diferente das demais, pois esta tem a intenção de atingir o modelo padrão de todo o conhecimento, surgindo da razão e não dos sentidos. Na verdade ela nos prepara para que, sistematicamente, acostumemos o nosso espírito para rejeitar daquilo que é falso, improdutivo e passageiro. Assim, duvidando sempre da verdade que é dita ou até mesmo imposta por alguns, para que a nossa mente não se torne refém da passividade, da imposição e da verdade.

A dúvida, em suma, é um meio para um fim, não um fim em si. E, no final das Meditações, é admirável que o meditador seja capaz de descartar, com alívio, suas dúvidas anteriores, que, então passa a considerar risíveis e exageradas (COTTINGHAM, 1995, p. 56).

Descartes ao compreender a importância de não nos apoiar nos nossos sentidos como ponto de referência para se chegar a verdade, ele analisou os princípios sobre os quais eles estão apoiados e concluiu que o primeiro grau da

produto final de ótima qualidade, da mesma forma com o nosso pensamento: primeiro se deve conhecer o problema e ir resolvendo parte por parte, assim não se corre o risco de transtorno ou de solução inadequada. Fazendo isso, o homem estará partindo do mais compreensível ao complexo. Também é muito importante revisar constantemente os processos de reflexão, pois assim, há uma maior segurança de não ter havido nenhuma falha, omissão ou até mesmo erro.

Entretanto, tal o homem que anda só nas trevas, resolvi ir tão lentamente e a utilizar tanta circunspeção em todas as coisas que, mesmo que avançasse muito pouco, pelo menos evitaria cair e, além do mais, não desejei repelir, de início, inteiramente algumas opiniões que puderam insinuar-se no passado em meu entendimento, sem que a minha razão as aceitasse, antes de empregar tempo suficiente para formar o projeto da obra que me propus e achar o verdadeiro método para atingir o conhecimento de todas as coisas das quais o meu espírito fosse capaz (DESCARTES, 1978, p. 37-38).

De acordo com os preceitos, que Descartes considerou seguro utilizar para analisar algo antes de chegar à verdade, diz-se que, no preceito primeiro, as coisas indubitáveis passam por um funil, que impede a passagem das coisas que tragam dúvidas. No segundo as coisas são analisadas, ou seja, divididas para melhor compreensão; no terceiro, procede-se a síntese, ou agrupamento em graus de complexidade crescente. No último passo, as conclusões são ordenadas e classificadas.

Simplificadamente, os passos resumem-se da seguinte forma: intuição, análise, síntese e enumeração.

O primeiro consistia em jamais aceitar como verdadeiro coisa alguma que eu não conhecesse à evidência como tal, quer dizer, em evitar cuidadosamente, a precipitação e a prevenção, incluindo apenas nos meus juízos aquilo que se mostrasse de modo tão claro e distinto a meu espírito que não subsistisse dúvida alguma.

O segundo consistia em dividir cada dificuldade a ser examinada em tantas partes quanto possível e necessário resolvê-las.

O terceiro, por ordem em meus pensamentos, começando pelos assuntos mais simples e mais fáceis de serem conhecidos para atingir, paulatinamente, gradativamente, o conhecimento dos mais complexos, e supondo ainda uma ordem entre os que não se precedem normalmente uns aos outros.

E o último, fazer, para cada caso, numerações tão exatas e revisões tão gerais que estivesse certo de não ter esquecido nada (DESCARTES, 1978, p. 40).

Há alguns caracteres essenciais do método de Descartes que é muito importante pontuarem: decompor cada problema em suas partes mínimas, pois pouco se resolve tentar solucioná-los com pressa e precipitação, se antes estar devidamente preparado, como na construção de uma casa, onde se começa primeiro do alicerce e ir construindo com perfeição e segurança para se obter um

que ações por alguém realizadas possam ser realizadas com segurança e maturidade.

Descartes defende a idéia de que para se chegar a uma possível verdade universal é preciso antes de tudo que se comece passando por um método, e esse nos remete ao questionamento evitando a precipitação, a presunção e aceitando somente o que se apresenta clara e distintivamente ao espírito.

Mas não temerei dizer que penso ter tido a oportunidade de me encontrar, desde a mocidade, em certos caminhos que me levaram a considerações e a máximas com as quais criei um método que, parece-me, proporcionou-me os meios para o gradativo aumento de meu conhecimento, e a leva-lo, gradualmente, ao máximo de grau que a mediocridade de meu espírito e a breve duração de minha vida lhe permitiram atingir. Dele consegui resultados tais que, de acordo com o juízo que de mim próprio faço, antes desejo inclinar-me para o lado da desconfiança que para o da presunção (DESCARTES, 1978, p. 14-15).

Não é seu propósito ensinar um método que todos devem seguir como uma regra, mas demonstrar o método que ele utilizou para orientar a sua razão para se chegar à verdade. Segundo Descartes (1978), para se alcançar um conhecimento certo, lógico e válido deve ser este, independente dos sentidos, uma vez que eles podem nos enganar. Diz ele que se for necessário começar tudo de novo para alcançar o objetivo almejado, pois que se faça. Nesse sentido, se faz necessário rejeitar e desfazer de antigas opiniões contraditórias, que só nos conduzem para fatos incertos e falsos. Para construir um conhecimento seguro, este não deve ser baseado em senso comum ou em opiniões preconceituosas.

Deste modo, as construções que somente um arquiteto empreendeu e levou ao fim costumam ser mais belas e melhor situadas que aquelas que muitos tentam reconstruir usando velhas paredes erguidas para outras finalidades...(DESCARTES, 1978, p. 30).

Nesse método ele nos mostra que para construirmos algo concreto e de bases sólidas é necessário que nós façamos nosso próprio alicerce não ignorando a base antiga, mas dela retirar somente o que lhe for realmente útil, analisando todas as coisas quantas vezes forem necessárias, mesmo que essa análise demore, porém evitará que se caia em erro.

de método que podemos seguir como modelo, pois é só pegar um livro que eles estão lá escritos para lermos e segui-los como exemplo, mas também podemos criar nosso próprio método quando preciso. O fim que se quer atingir, de certa forma, determina o método a ser seguido.

Dentre os métodos mais conhecidos estão:

_ Indução ou Intuição – os elementos aqui encontrados servem de fundamento de início de uma pesquisa. Na indução temos a análise que seria o processo pelo qual passaríamos para distinguir as induções aproveitáveis e não aproveitáveis, é nela que dividiríamos as dificuldades.

_ Dedução – deve ser uma consequência do nosso raciocínio,

uma demonstração capaz de chegar a uma conclusão certa a partir de um conjunto de proposições que se desencadeiam necessariamente uma às outras obedecendo a uma ordem: cada proposição deve estar ligada àquela que a precede e àquela que a ela se segue (REZENDE, 1992, p.89).

Como processo da dedução temos a síntese que seria a união gradativa de modo que seja uma seqüência da análise feita anteriormente.

Por intuição, eu entendo não o testemunho mutável dos sentidos ou o juízo enganador de uma imaginação que compõe mal seu objeto, mas a concepção de um espírito puro e atento, concepção tão fácil e tão distinta que nenhuma dúvida possa permanecer sobre aquilo que compreendemos. Em outras palavras, a concepção firme de um espírito puro e atento, que nasce apenas da luz da razão e que, sendo mais simples, e mais segura que a própria dedução.

Alem da intuição, há um outro modo de conhecimento que se faz por dedução. Operação pela qual entendemos tudo e que se conclui necessariamente de outras coisas conhecidas com certeza (...) embora não sejam nelas mesmas, evidentes; são deduzidas de princípios verdadeiros e conhecidos, por um movimento contínuo e ininterrupto do pensamento que tem uma intuição clara de cada coisa (REZENDE, 1992, p. 89).

Considerado pai do pensamento moderno, René Descartes, propôs um método em sua filosofia, método este capaz de exigir uma ciência certa, que domine a natureza. Para ele é necessário aprender a distinguir o verdadeiro do falso para

CAPITULO I

O Método

Para tudo que fazemos, necessitamos ordenar as coisas e os fatos para melhor interpretá-los, e a essa ordenação dos fatos damos o nome de método.

Existem vários conceitos para método, mas em um sentido mais geral, "método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado" (JOLIVET, 1970, p.71).

Mesmo nas coisas mais simples que fazemos no nosso dia-a-dia, necessitamos planejar, organizar os passos que daremos para não errar ou mesmo que erremos que o erro seja menor. Assim fazendo, estamos utilizando um método, um caminho para chegar a um determinado objetivo.

Por método eu entendo regras certas e fáceis, graças às quais todos aqueles que as observarem corretamente jamais suporão verdadeiro aquilo que é falso, e chegarão, sem fadiga e esforços inúteis, aumentando progressivamente sua ciência, ao conhecimento verdadeiro de tudo o que podem atingir (REZENDE, 1992, p.88).

Porém, não usamos sempre o mesmo método. Cada objetivo, cada fim dado exige um método diferente, e é através desse objetivo e desse fim dado que nós organizamos o método que melhor convém para se chegar ao seu fim.

O método tem como fim disciplinar o espírito, excluir de suas investigações o capricho e o acaso, adaptar o esforço a empregar segundo as exigências do objeto, determinar os meios de investigação e a ordem da pesquisa. Ele é, pois, fator de segurança e economia (JOLIVET, 1970, p. 71).

Com o método estaremos designados a procurar somente as coisas úteis para adquirir o conhecimento da pesquisa ou objeto, não gastaremos tempo em investigações ou passos que não serão úteis para a pesquisa. Existem vários tipos

O próximo passo de seu esforço foi o estudo mesmo da dúvida. Para se chegar a um maior conhecimento sobre a dúvida para o grande Descartes, antes de ler sua obra *Discurso sobre o Método* e obras de outros autores seus comentadores, recorri a uma pesquisa de campo para detectar o saber empírico sobre tão importante atitude mental: a dúvida. Para isso selecionei 10 pessoas tendo como critério a diversidade de escolaridade e de profissão. Seus depoimentos levam para a importância da dúvida na formulação de juízos e na tomada de decisões no dia-a-dia.

Em todas as atividades de nossa vida nós nos comportamos como seres pensantes, nós pensamos a nós mesmos e pensamos a realidade. O pensamento muitas vezes nos provoca situações de dúvida, não devemos rejeitá-las, mas utilizarmos dela para fazer o caminho até a verdade. Fazer o caminho até a verdade é o método. A dúvida funciona como caminho para que, ao final de uma reflexão, o pensador sintasse-se seguro da conclusão a que queria chegar. Claro, nem sempre ele se dá conta do importante papel da dúvida.

A dúvida preconizada por Descartes como caminho para se apurar a verdade é chamada de dúvida metódica, que tem por fim descobrir se não existe alguma pseudo verdade ou falsa verdade querendo se passar pela verdade. A dúvida metódica é o recurso para se atingir às proposições que impedem de chegar à verdade pura.

A dúvida metódica tem por objetivo fundar a certeza de modo inquebrável, rejeitando tudo aquilo que não é certo de uma certeza absoluta, quer dizer, que não se impõe a nós de modo absolutamente evidente.

O tema da dúvida, conforme René Descartes, me desperta a atenção e a curiosidade. É preciso conhecer melhor, segundo o fundador do racionalismo, o papel da dúvida na construção do conhecimento.

INTRODUÇÃO

Pretendo com este trabalho monográfico pesquisar algumas noções da Filosofia de Descartes com intenção de aprofundar e esclarecer o significado da dúvida, atitude mental que nos acompanha ao longo de toda a vida e que, embora seja usualmente considerada de maneira negativa, tem um papel importante no aprimoramento do conhecimento humano e na disciplina do raciocínio.

Para enfrentar a questão da dúvida e sua importância, Descartes inicia sua reflexão partindo da idéia de uma ciência universal que, para chegar a tal, passa por um método, pela fase propriamente científica, e finalmente chega a uma conclusão pura e comprovada metafisicamente e que se torna portadora de vários ensinamentos e outras conclusões.

Descartes defende a idéia de que, para se chegar a uma possível verdade, é preciso antes que se comece passando por um método e esse irá nos levar ao questionamento, evitando a precipitação e a presunção da verdade fácil e, conseqüentemente, conduzindo somente ao que se nos apresenta de forma clara e distinta.

No método se ordena as idéias, colocando-as em seu devido lugar, como na construção de uma casa, começando pelo alicerce e aos poucos levantando as paredes obtendo assim, um produto de ótima qualidade. Na construção do conhecimento, seguindo uma ordem estabelecida criteriosamente se evita a precipitação das proposições e se refuta o erro. Há uma necessidade, portanto, de uma regulamentação e de um controle da razão, para que ela proceda retamente na busca da verdade. O poder de julgar bem e distinguir o verdadeiro do falso deve ser regulado pelo método. Descartes dedicou especial esforço à questão do método para que o saber seja racional, científico e salvo de erros.

Em seu esforço no campo do saber, para se chegar ao saber mais apurado e sem sombra de dúvida, ele propõe um novo método: a dúvida. Ele diz que para demonstrar a aptidão do espírito para conhecer a verdade, convém começar pela dúvida. É melhor começar duvidando, porque a dúvida tem a faculdade de checar o caminho com que se quer chegar à verdade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPITULO I	8
O Método	8
CAPITULO II	13
1 A dúvida.....	13
2 Pesquisa de campo	15
CAPITULO III	19
A dúvida metódica.....	19
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
ANEXO I Tabela Sujeitos da Pesquisa	26
ANEXO II Questionário	27

RESUMO

Com este trabalho monográfico, demonstrarei, através de pesquisas na Filosofia de Descartes, a importância da dúvida como método, atitude mental que possuímos e que nos acompanha ao longo de nossa vida.

A dúvida funciona como caminho para que, ao final de uma reflexão, o pensador sinta-se seguro da conclusão a que queira chegar.

O método e a dúvida disciplinam o espírito e exclui o capricho e o acaso nas investigações, determinando assim, os fatores de economia e tempo de uma pesquisa.

Palavras-chave: método, caminho, dúvida, conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha criação e pela oportunidade e o privilégio de frequentar uma escola, pois este é o caminho perfeito do ser, e é pelos estudos que adquirimos o conhecimento, tesouro imensurável.

Agradeço também a todos que de forma direta e indireta me ajudaram a concluir esta minha fase de estudos, principalmente a minha avó que tanto me ajudou com muita paciência e dedicação.

Não poderia deixar de citar os meus mestres, que desde o início de meus estudos até os dias atuais, estavam sempre ali para me apoiar e incentivar nesta busca do conhecimento que é algo que me fará com certeza uma pessoa capaz de conduzir até o meu próximo um pouco do muito que aprendi.

FOLHA DE APROVAÇÃO

O presente trabalho monográfico:


A DÚVIDA METÓDICA EM DESCARTES

elaborado pela acadêmica NILCILENE PATRÍCIA DA SILVA, foi apresentado aos 26 de janeiro de 2007, obtendo a nota 9,5

Rubiataba, 26 de janeiro de 2007.


Prof. José Geraldo da Trindade


Profª Helena de Fátima Araújo


Ms. Pe. Joaquim José Neto
Orientador e Coordenador do Curso

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Nilcilene Patricia da

A dúvida metódica em Descartes / Nilcelene Patricia da Silva – Rubiataba - GO: FACER, 2007.

28p.

Orientador: Joaquim José Neto (Mestre)

Monografia (Filosofia)

Bibliografia.

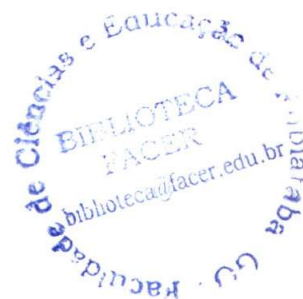
1. Epistemologia 2. Método 3. Descartes I. Silva, Nilcilene Patricia da. II. Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba. III. Título.

CDU 165

Elaborada pela Bibliotecária Célia Romano do Amaral Mariano CRB1/1528

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

NILCILENE PATRICIA DA SILVA



A DÚVIDA METÓDICA EM DESCARTES

Monografia apresentada como requisito para obtenção do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, sob a orientação do Professor Mestre Pe. Joaquim José Neto.

30661
Soori

Tombo nº	12705
Classif.:	165
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	21.3.07

RUBIATABA – GO
2007

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

NILCILENE PATRICIA DA SILVA

A DÚVIDA METÓDICA EM DESCARTES

RUBIATABA – GO
2007